

3. Metodologia da pesquisa

Este capítulo tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Primeiramente, apresentamos a natureza da pesquisa, e, em seguida, descrevemos o contexto em que foi realizada, assim como os participantes da pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Posteriormente, discutimos os procedimentos usados para a análise dos dados coletados.

3.1. Natureza da pesquisa

O referencial metodológico desta pesquisa está voltado para a abordagem qualitativa de base etnográfica, pois tem como objetivo analisar os dados provenientes do contexto de sala de aula como uma forma de compreendermos os significados das ações vivenciadas pelos participantes da pesquisa.

André (2008, p. 41) sinaliza que a pesquisa etnográfica permite “desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comum comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico”. Dessa forma, percebe-se que a intenção deste tipo de pesquisa não é provar hipóteses construídas previamente, mas sim fazer com que, a partir do entrelaçamento dos dados coletados, construa-se uma nova situação, visando à “descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (André, 2008, p. 29).

A metodologia qualitativa é adequada para esta pesquisa porque nos permite entender que a sala de aula é um lugar privilegiado para compreendermos, por meio das interações que acontecem, como o discurso é construído na produção escrita. Sendo assim, a formação e a construção de leitores e produtores

de textos, sujeitos críticos, estão respaldadas na leitura e na escrita como práticas sociais que incluem estes sujeitos numa sociedade contemporânea.

As narrativas construídas pelos alunos revelam a vida social deles. Transparecem, nas histórias narradas a cultura, a opressão social, as desigualdades de gênero etc.

Nas linhas da LA (Cavalcanti, 1986; Oliveira¹⁶), o estudo da linguagem, de maneira especial no contexto de sala de aula, está atrelado às práticas sociais. No caso desta pesquisa, foram realizadas leituras, interpretação dos textos e, por último, a produção textual, atividades do cotidiano escolar. Entretanto, a forma de compreensão do texto por parte dos participantes da pesquisa tem como base as vivências desse grupo, as experiências vividas no grupo familiar, na igreja, no local onde moram e até mesmo na escola.

Nesse sentido, a LA passa a considerar a aproximação do ato de produção e compreensão do texto às situações interacionais que envolvem as propriedades discursivas, interativas e enunciativas, visto que os sujeitos envolvidos estão, a todo momento, (re) construindo a sua linguagem e compartilhando uns com os outros essa (re) construção.

3.2. Contexto da pesquisa

A pesquisa foi conduzida numa instituição de ensino público, que atende aos ensinos fundamental e médio, no município de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Participaram 45 alunos do 9º ano (8ª série) do Ensino Fundamental, turno vespertino, com idades entre 13 e 36 anos, tendo o processo de escrita em sala de aula como o foco primordial do trabalho.

¹⁶http://www.cchla.ufrn.br/odisseia/numero3/arquivos/Maria_Bernadete_CONSIDERACOES_EM_TORNO_DA_RELACAO_DA_LINGUISTICA_APLICADA_E_O_ENSINO_DA_LINGUA_MATERNA.pdf

3.3. Geração de dados

O desenho da pesquisa envolveu a minha própria prática pedagógica durante três aulas de língua portuguesa em uma turma de nono ano (oitava série) do Ensino Fundamental, resultando a atividade de produção escrita em que eu propus a leitura de um texto, a realização de atividades de compreensão oral e, em seguida, a produção de textos, dos quais, vinte e três produções constituíram os dados de análise da pesquisa.

As atividades e a geração de dados ocorreram no mês de outubro de 2009 no turno vespertino, durante o horário de aula dos alunos. Na sala de aula, anotei a rotina da aula, o procedimento e as falas dos alunos.

3.3.1. Notas de observação

A proposta da pesquisa é investigar a produção de textos em sala de aula, observando os pontos que os alunos considerariam relevantes em seus textos, tendo como apoio um texto de motivação da atividade. O objetivo, naquele momento, era observar as relações de intertextualidade que poderiam ser estabelecidas entre os textos-fonte e os produzidos pelos alunos.

A aula iniciou-se por volta das 15:50 e estendeu-se até 18:20 (3 tempos de aula) numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental. A faixa etária dos alunos variava entre 13 e 36 anos. Dos textos selecionados, 19 foram redigidos por alunas e 4 por alunos.

Na ocasião eu não era professora da turma 901, mas realizava junto à professora de língua portuguesa um projeto de leitura e interpretação.

Como eu trabalhei com a turma nos anos anteriores, analisando os textos produzidos por eles, senti-me motivada a realizar este trabalho com a intenção de continuar acompanhando o processo de construção social e discursiva na escrita deles. Creio que o fato de ter revelado o motivo da atividade tenha contribuído

para a aceitação da tarefa por parte dos alunos, que não se importaram com o fato da atividade não ter atribuição de nota.

Em seguida, iniciamos a leitura do texto motivador, de Maria Sílvia Gonçalves, que indicarei nas análises de dados como TM .

O texto motivador da tarefa¹⁷

Meu nome é José. Tenho 12 anos, trabalho na roça. Moro num sítio, bem afastado da cidade.

Acordo de madrugada, quando o sol ainda não saiu. Pego o caldeirão com o arroz e (quando tem) um ovo frito. Ando bem uma hora com o pai até chegar onde está o "galo", com o caminhão. De lá vamos pro campo cortar cana, até o sol sumir. Volto para casa e jogo os ossos na cama.

Não gosto daqui, acho que nunca vamos melhorar de vida. Meu pai trabalhou a vida inteira e até hoje minha mãe não tem nem um fogão decente. Tenho pena de meus irmãos menores, que vivem aqui sem escola, sem divertimentos.

Infância de quem mora na roça é tudo igual. Às vezes, no final de semana dá para ir até o riozinho, nadar um pouco pra refrescar. Quando o pai está disposto, até pescamos. É bom comer uns peixes – nem que seja lambari - pra variar a bóia. A maior parte do tempo tenho que cuidar dos irmãos ou da criação. Não sobra tempo pra brincar.

Felicidade é quando chega o tempo das frutas. Aí é só trepar nas árvores e chupar mangas, laranja até cansar. A mãe também faz uma geléia divina. Ninguém resiste.

Queria tanto que as coisas fossem diferentes. Fico olhando todo mundo que corta cana e acho que eles estão com uma cara de cansados. Todo mundo doente, sem dentes, manchas no rosto, um jeito de quem precisa comer mais e melhor. Por que a gente tem que trabalhar tanto pra ganhar tão pouco? Às vezes tenho vontade de sumir daqui, ir pra cidade grande, andar de automóvel, tomar banho de chuveiro. Sei lá, tanta coisa que gostaria de conhecer.

¹⁷ SARGENTIN, H. Redação – Curso básico. IBEP, v. 3

O amor é o que segura a gente: o pai, a mãe, as crianças. Se a gente não se gostasse tanto, seria muito mais difícil sobreviver. Pena que às vezes não dá nem tempo de contar um para o outro o quanto a gente se gosta.

Amigos, não tenho muitos. Brinco com a molecada, mas acho que desde pequeno meu pai tem sido meu melhor amigo.

Deus não olha pra gente aqui no sítio. Ele manda chuva, faz as sementes crescerem, as galinhas botarem, a vaquinha dar o leite. Só que eu esperava bem mais, muito mais dele. Será que ele ainda vai se lembrar de mim?

Maria Silvia Gonçalves

Iniciamos a atividade pela leitura silenciosa do texto acima e, logo depois, fizemos uma leitura coletiva com a participação de alguns alunos. Cada um lia um parágrafo ou dois. Iniciei o momento da pós-leitura com algumas indagações a respeito do texto: O que acharam do texto? O texto parecia ter um embasamento real ou fictício (imaginário)? Como era a vida da personagem? Perguntei também se eles conheciam histórias parecidas com a do menino - uma maneira de tentar aproximar o texto da realidade deles - Como poderia ser a vida daquele menino se ele vivesse no bairro onde vocês vivem, se ele estudasse na escola que vocês estudam, se morasse na casa onde vocês moram?

As respostas foram as mais variadas. O aluno Renato imediatamente disse que os fatos eram reais, pois narrava a história de um menino chamado José, cujo nome era o mesmo do autor José da Silva. Ele, ainda acrescentou que era um adulto contando sua história de vida. O aluno se equivocou quanto ao nome do autor porque em sua folha o nome da autora foi cortado¹⁸. A turma sinalizou que alguns alunos receberam o texto sem o nome da autora. Entretanto, mantive a ideia que Renato havia lançado se caso o texto fosse de um adulto, e perguntei por que inicialmente ele achava que o texto era de um adulto, se não havia tais evidências já que o tempo verbal utilizado no texto indicava o presente? Ele, no entanto, respondeu que poderia haver uma estratégia de escrita e que geralmente as pessoas mais velhas costumam contar essas histórias “de roça”, “de vida sofrida” e que ele escutou muitas histórias como essas entre seus familiares, inclusive a história de sua mãe. Mariana interveio dizendo que nem sempre é só a

¹⁸ Foram reproduzidas duas cópias do texto em uma mesma folha.

criança de roça que tem vida sofrida, mas que ali, perto deles, também há dificuldades; também há crianças trabalhando em vez de estar na escola, mas que hoje em dia isso está diminuindo por causa do Conselho Tutelar.

Mariana também falou sobre a possibilidade de a história ser verdadeira, porém, ela acredita que poderia ter sido uma criança, a escritora.

Simone falou que a personagem reflete a desigualdade social, pois muitas crianças trabalham e não estudam; que as escolas no interior são mais distantes das casas e, isso dificulta a permanência da criança na escola. Dentre essas falas surgiram outros questionamentos.

As últimas perguntas que eu fiz - *Como poderia ser a vida daquele menino se ele vivesse no bairro onde vocês vivem, se ele estudasse na escola que vocês estudam, se morasse na casa onde vocês moram?* – geraram um alvoroço na sala, porque cada um queria falar de acordo com o seu ponto de vista, de acordo com a maneira como está sendo criado, como se vê, enquanto aluno, na escola. Achei por bem encerrar estes questionamentos porque cada um queria contar como era a sua vida e como seria a de José caso vivesse ali. Renato, no entanto, pediu para falar e disse que a vida de José dependeria dele mesmo porque ali há pessoas de bem como há pessoas que se metem com quem não presta e acaba “se dando mal” e que a vida é feita de escolhas.

Assim que os comentários terminaram, propus a atividade que consistia na escrita de uma história que não fosse necessariamente a deles, mas que revelasse o modo como veem a vida e a realidade social. Alguns alunos perguntaram se poderiam narrar a história de alguém da família, a história de um amigo ou situações que eles tivessem presenciado no lugar onde moram. Eu permiti, pois é uma maneira de observarmos a forma como o aluno-escritor utiliza a voz do *outro* – primeira pessoa ou terceira pessoa – na construção do texto.

O objetivo da atividade era despertar no aluno a sua capacidade de criar uma narrativa cujo personagem não fosse ele.

Esse tipo de atividade solicita o acionamento de conhecimentos de mundo essenciais para o desenvolvimento de um texto adequado à situação de pesquisa. Esses conhecimentos estão relacionados ao cotidiano das pessoas (como vivem, com quem vivem, o que fazem, o que desejam, quais são os seus sentimentos) e poderiam ser encontrados no texto-motivação, que trazia as palavras-chave para a produção do texto.

Todos pareceram muito satisfeitos com a realização da atividade e ficaram entusiasmados em saber que estariam participando de uma pesquisa. Essa foi uma ótima oportunidade para incentivá-los a se tornarem pesquisadores ou autores reflexivos. Alguns ficaram preocupados com a ortografia. Uma aluna fez questão de assinar o nome logo abaixo do texto, pois o considerou tão bom a ponto de pensar que sua autoria não deveria ser ocultada.

3.4. O tratamento dos dados

Foram geradas 45 produções textuais. Desse total, selecionei 23 produções. O critério utilizado na seleção dos textos foi o do agrupamento das produções de acordo com as similaridades em relação ao assunto contido nos textos escritos. Primeiramente, separei as produções por tipos de assuntos:

Família, trabalho, escola, identidade local (sobre o bairro, a cidade e troca de cidades)

Em seguida, fiz um levantamento das temáticas escolhidas pelos alunos, resultando em mais dois grupos:

Violência, doenças e sofrimento	Lutas, superações e conquistas
---------------------------------	--------------------------------

Embora as temáticas sejam diferentes, os alunos buscaram fazer relações de intertextualidade em seus escritos com o próprio texto de apoio. Nesse âmbito, destacaremos, para a análise, não só as relações intertextuais e interdiscursivas, como também as relações parafrásticas a partir dos pressupostos teóricos de Fuchs (1982, 1985), Meserani (2002) e outros. Já no que diz respeito às construções de identidades sociais e discursivas, analisaremos os dados sob a perspectiva teórica da escrita e da Análise da Narrativa, sob o ponto de vista de autores como Linde (1993); Ivanic (1998); Moita Lopes (2002).